



MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS

Hadassah Milaeli Fernandes Guerrato¹

Carla Pezenatto²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a prática dos professores em relação à alfabetização e aos métodos utilizados por eles para investigar se ainda seguem o método tradicional das cartilhas ou se buscam novas metodologias voltadas à aprendizagem. Para atingir esse objetivo foi entregue um questionário em uma pesquisa de campo com algumas professoras alfabetizadoras, problematizando - Qual(is) método(s) de alfabetização você usa para alfabetizar seus alunos? 2- De que modo organiza a sala de aula? E essas foram as duas perguntas feitas a três professoras, além de um questionário realizado com dois estudantes alfabetizados em diferentes épocas, abordando as perguntas: 1- Como você aprendeu a ler e escrever e quais métodos a professora utilizava para organizar a sala de aula?. Baseando-se em autores renomados no assunto dos métodos de alfabetização, como Cagliari (1998), Ferreiro e Teberosky (1999), Mortatti (2006), e dando ênfase ao construtivismo defendido por Emilia Ferreiro. Os resultados do estudo apontaram que uma das professoras utilizava o método das cartilhas há 35 anos atrás, e a professora que alfabetizou em 1995 utilizava o método das cartilhas e o fônico, enquanto a que alfabetiza desde 2015 faz uso do método fônico, e este tem mostrado resultados muito satisfatórios, se distanciando do estilo tradicional. Diante disso, pode-se concluir o uso da cartilha caiu em desuso, e os professores tem buscado outras formas de alfabetização.

PALAVRAS-CHAVE: Métodos; Alfabetização; Anos iniciais.

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Erechim. E-mail: hadassahguerrati@gmail.com

² Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Erechim. E-mail: carlapezenato14@gmail.com



1. INTRODUÇÃO

Iniciamos esse trabalho realizando um questionário que teve o objetivo de investigar quais são os métodos de alfabetização mais utilizados por professoras alfabetizadoras e como se dava a organização da sala de aula, o qual foi entregue para três professoras, uma que atuou há 35 anos atrás no interior de Três Arroios, outra que atuou em 1995 em Três Arroios também, e uma que alfabetiza desde 2015 até os dias de hoje em Erechim. Também aplicamos questionários a um aluno que foi alfabetizado há 35 anos em Três Arroios, e a outro que foi alfabetizado em 2012 em Erechim.

O objetivo é investigar se ainda o método tradicional das cartilhas está sendo usado ou se elas buscam novas metodologias voltadas à aprendizagem. A partir disso, foram pesquisados os métodos voltados para o ensino, que são os sintéticos, analíticos e misto, e os métodos voltados para a aprendizagem, a desmetodização, a qual se caracteriza como uma nova metodologia trazendo uma revolução conceitual, abandonando as teorias e as práticas tradicionais e aderindo à construção do conhecimento (CAGLIARI, 1998; MORTATTI, 2006). Esse projeto busca investigar, então, se esses métodos são satisfatórios e relevantes para a aprendizagem dos alunos e se os professores, responsáveis por essa mediação, levam como prioridade esses métodos tradicionais ou se consideram a criança e seus saberes.

Nesse contexto, o questionário teve por base metodológica as seguintes perguntas: - Qual(is) método(s) de alfabetização você usa para alfabetizar seus alunos? 2- De que modo organiza a sala de aula? Essas foram as duas perguntas feitas a três professoras, além de um questionário realizado com dois estudantes alfabetizados em diferentes épocas, abordando as questões: 1- Como você aprendeu a ler e escrever e quais métodos a professora utilizava para organizar a sala de aula? Para dar início à discussão, a seguir, será feita uma análise e explanação do assunto a partir de alguns autores que explicitam sobre os métodos de alfabetização, tais como Cagliari (1998), Ferreiro e Teberosky (1991) e Mortatti (2006), dando ênfase ao construtivismo defendido por Emília Ferreiro. Por fim, será observado se os métodos utilizados pelas professoras ainda funcionam no nosso dia a dia.



2. ANÁLISE DOS DADOS

Nossa análise e reflexão sobre métodos partirá das respostas obtidas nos questionários entregues. As perguntas feitas às professoras questionavam o método utilizado por elas e como era feita a organização da sala de aula. A professora que lecionou há vários anos não trabalha mais com isso, mas deixou seu relato:

Alfabetizei por 22 anos, segui as cartilhas e o manual do professor que existia na época. No começo do ano letivo, na primeira série, eu dava exercícios para firmar as mãos dos alunos nas primeiras semanas de aula. Logo após, começava com a introdução das letras. Ensinava primeiro o A E I O U, depois o restante. Fazia as letras no quadro e os alunos copiavam. Além disso, também costumava escrever a letra “a”, por exemplo, no caderno e fazer os alunos completarem a linha para aperfeiçoarem sua escrita. Fazia vários cartazes para colocar na sala, com “A de avião, B de bola, etc”, para os alunos irem se familiarizando com as letras. Até o final do primeiro ano, todos os alunos tinham que saber ler e escrever. Os que não conseguiam repetiam de ano. E, os que conseguiam recebiam o certificado de alfabetização. Era muito difícil trabalhar na época, pois diferentemente de agora, os alunos chegavam na primeira série sem nenhuma noção de escrita. A organização da sala de aula era feita de forma bem rígida, caso contrário os alunos não aprendiam. Eles sentavam sempre em fileiras um atrás do outro, memorizavam e copiavam os conteúdos. Antes de surgir o caderno, cada aluno tinha um pequeno quadrinho onde fazia as anotações da aula. Mas, não cabia muita coisa, então, logo tinham que apagar, por isso precisavam estar sempre atentos. Quem não demonstrava interesse ou atrapalhava os demais ficava de castigo.

O método utilizado por ela também faz parte dos métodos sintéticos e é chamado de silábico. Sempre da "parte" para o "todo", o método alfabético consiste em ensinar as letras e seus nomes, para, depois de reunidas essas letras, ensinar a ler as palavras formadas por elas. No final, são ensinadas frases isoladas ou agrupadas (MORTATTI, 2006).

A segunda professora entrevistada alfabetiza desde 2015 até os dias atuais. Ela conta que:

Com a prática em sala de aula, aprendi que uma criança só aprende quando está encantada pelo objeto de conhecimento e, para a criança se encantar, a professora também precisa ter tal encantamento. Assim, para que a criança se encante pelo mundo das letras, utilizo diversos recursos lúdicos, como jogos pedagógicos, onde a criança deve relacionar a letra com a figura correta, encontrar objetos que iniciam com as letras, encontrar as letras de seus nomes, etc. Além de histórias infantis, brincadeiras e desafios. Procuro sempre valorizar os conhecimentos que a criança já traz consigo, propiciar contextos de interação, atuando como uma mediadora que faz intervenções no processo de descoberta da criança. Concomitantemente a isso, utilizo o método fônico, buscando fazer com que a criança tenha consciência fonêmica: conhecer os fonemas (som das letras) e saber usá-lo



REVISTA NEUROCIÊNCIA E SUAS MÚLTIPLAS LINGUAGENS

ISSN: 2675-3154 <https://doi.org/10.5281/zenodo.17192783>

com instrução fonética sistemática: aprender a relação entre as letras e os sons.

Isto ajuda as crianças a entender como as letras representam sons, e depois disso, a praticar essa relação na Educação Infantil. Em relação à organização da sala de aula, acredito que a interação é fundamental para que o processo de aprendizagem seja significativo para cada criança, por isso, procuro tornar o ambiente o mais acolhedor possível. As classes são individuais, porém, mantenho-as sempre aproximadas umas das outras, em semicírculo ou em pequenos grupos para que as crianças possam encontrar em seus colegas amparo e atenção. A sala deve ser um ambiente acolhedor que transmita segurança para a criança, por isso, procuro fazer com que meus alunos se sintam dessa forma na sala de aula, pois assim terão mais confiança para aprender.

Esta professora relata que usava da criatividade para o novo, com atividades diversificadas para a turma. Para Ferreiro e Teberosky (1999, p. 21), o método alfabético já caiu em desuso, além do método fônico. Segundo Mortatti (2006), o método fônico faz parte de métodos sintéticos, nos quais são ensinados/apresentados os sons das letras primeiramente, sempre com certa ordem de dificuldade. A autora faz um resgate histórico em seu texto sobre os vários métodos utilizados no Brasil e enfatiza o método sintético, do qual o método fônico faz parte, como um dos mais antigos métodos, usado nas aulas régias no final do Império brasileiro (MORTATTI, 2006).

O autor Luís Carlos Cagliari (1998, p. 47) faz um estudo sobre os métodos de ensino e os métodos de aprendizagem. Em explanação nos métodos de ensino, ele fala sobre o ensinar do mais fácil para o mais difícil. O autor pondera que é esperado que todo o ensino de alfabetização seja metodizado (essa metodização está expressa nesse caso do método fônico, como o ensino do mais fácil para o mais difícil), com um certo estabelecimento de hierarquia, mas "para a criança que não sabe ler nem escrever, qualquer palavra é igualmente difícil, não há nenhuma palavra fácil". Para Ferreiro e Teberosky (1999, p.18), apesar da variedade de métodos ensaiados para se ensinar a ler, existe um grande número de crianças que não aprendem". O método fônico pode sim funcionar em sala de aula, mas é necessário levar em conta se os alunos estão realmente aprendendo com ele, papel esse que cabe ao professor (para isso o professor tem com ele a avaliação, que relata como seus alunos estão no processo; o planejamento, para se ter uma sequência didática na alfabetização deste; o diálogo com os alunos e etc..). A professora mescla esse método com propostas embasadas no construtivismo de acordo com o que ela afirma de atividades adotadas por ela na resposta. A falta de clareza metodológica faz com que aconteça essa mistura de concepções.



Partindo para a análise da terceira professora, que lecionou por um período de 5 meses, relatou:

Eu utilizava a cartilha e achava bem interessante. Dei aula para a primeira série por cinco meses e depois desisti, pois a escola onde eu trabalhava não apoiava meu modo de ensinar. Além das cartilhas, eu gostava de fazer da sala de aula um ambiente acolhedor onde o aluno podia se abrir e ser ouvido. Eu costumava colocar cartazes na sala de aula, com as iniciais do alfabeto e um objeto com aquela letra. Fazia caligrafia, leituras, dialogava muito mostrando as letrinhas e seus sons, e cantava com eles. No quesito organização de sala de aula, distribuía as carteiras em círculos e dava joguinhos com as letras e os números, e deixava eles dialogarem sobre as letras.

Esta professora relatou que usa uma mistura de métodos sintéticos: alfabético, silábico e fônico, além de fazer uso de atividades como o alfabeto móvel, que faz com que o aluno possa manuseá-lo durante suas tentativas de escrita e consiga fixar os símbolos das letras. Gadotti (2005) diz que a alfabetização é um processo de ensinar a ler e escrever e que alfabetizado é quem lê e escreve. Emilia Ferreiro (2001) fala sobre a alfabetização não ser um estado, mas um processo que não nunca tem fim. Em nossa análise, é possível perceber que as professoras entrevistadas, em sua maioria, usam o método sintético alinhado com algum material/teoria de apoio (criatividade em aula, com diversos métodos, textos e frases).

Assim, visto o caráter mecânico do método sintético, é preciso que o professor veja em seus alunos se eles não estão só sendo "vítimas" do processo de alfabetização dicotomizado entre "saber e não saber". Sabemos que a alfabetização é um processo, assim como todo o aprendizado. Nós, como professores, independentemente do método que faremos uso, devemos pensar em todo esse processo que o aluno irá passar; seus percalços e seus avanços, dúvidas e saberes. Com esse processo/caminho da alfabetização em mente, com o apoio de estudos, leituras, reflexões sobre a prática, formação continuada, avaliações como relatórios, planejamento e tantos outros auxiliares no trabalho do professor, podemos utilizar métodos a favor de uma alfabetização plena para nossos alunos.

Partindo para as respostas obtidas da aplicação dos questionários aos alunos, vamos para o primeiro aluno alfabetizado há 35 anos. Este relata:



REVISTA NEUROCIÊNCIA E SUAS MÚLTIPLAS LINGUAGENS

ISSN: 2675-3154 <https://doi.org/10.5281/zenodo.17192783>

Comecei a frequentar a escola com sete anos, sem nenhuma noção alfabética prévia. Lembro que a primeira coisa que a professora pediu foi que decorássemos as cinco vogais, depois as consoantes. Reconhecíamos as letras pelos sons que elas faziam, e depois, para começarmos a ler, a professora nos fazia juntar as letras, por exemplo: B + A = BA, e todos os alunos tinham que repetir esse som. Também usávamos o caderno de caligrafia, fazíamos um exercício de passar o lápis em cima das letras pontilhadas, e se ainda assim não conseguíamos aprender a fazer as letras, a professora de forma brutal segurava em cima da nossa mão para fazermos com ela. Também copiávamos bastantes textos no caderno. Em relação à organização da sala de aula, na minha turma havia quatro turmas da primeira a quarta série, com apenas uma professora para todos. Ela dividia o quadro em quatro partes e cada turma copiava seu conteúdo correspondente. Era um aluno sentado atrás do outro e ninguém podia falar nada. Quem tinha dificuldade ou não conseguia fazer as atividades, ganhava o famoso castigo - apanhar com a régua e ficar todo o período do intervalo ajoelhado no milho.” Analisando o método da professora deste estudante, pode-se perceber que ela fazia uso das cartilhas e do método fônico, além de possuir uma maneira mais radical e tradicionalista de lecionar, com a aplicação de castigos e uma maneira mais brutal de corrigir os alunos.

Partindo para a análise do aluno alfabetizado em 2012, ele nos conta que:

Quando entrei na alfabetização, já havia tido algumas aulas em casa com minha mãe e minhas primas. Elas já haviam me ensinado o alfabeto, e faziam algumas atividades como as de soletrar palavras que escreviam no quadro. Entretanto, quando entrei na turma de alfabetização, a professora mandava a cópia de um caderno de caligrafia para a casa, onde eu tinha que realizar atividades diariamente, além de preencher linhas pontilhadas que formavam letras maiúsculas e minúsculas. Lembro que a professora escrevia no quadro algumas sílabas e tínhamos que falar os sons que elas formavam. Quanto à organização em sala de aula, as classes eram alinhadas de várias formas dependendo da atividade e do dia. Às vezes em duplas, trios ou em filas mesmo.

Pode-se perceber que a professora que alfabetizou no ano de 2012 já não mais utilizava cartilhas, e sim o método fônico e uma concepção construtivista mencionada anteriormente nas observações de Emília Ferreira. Observa-se que não há mais rigidez quanto às correções, e o aluno não experimentou qualquer tipo de castigo doloroso, mostrando que foi deixado de lado o estilo tradicional de correção que havia na alfabetização há vários anos.

4. CONCLUSÃO

Finalizando essa escrita, concluímos que, ao não usar métodos, uma vez que esses estão sempre associados a um ensino tradicional, a criança aprende de forma mais produtiva. A partir de uma proposta de desmetodização, o foco passa a ser o que a criança já sabe e como ela aprende. Analisados os métodos utilizados pelas professoras em nossa pesquisa, foi observado



REVISTA NEUROCIÊNCIA E SUAS MÚLTIPLAS LINGUAGENS

ISSN: 2675-3154 <https://doi.org/10.5281/zenodo.17192783>

que elas não utilizam somente um método de ensino, pois as suas atividades propostas, em sua maioria, englobam os variados métodos.

Conclui-se, ainda, que uma proposta bastante adequada para usar na alfabetização é a desmetodização, baseada no construtivismo, na qual a criança constrói o seu conhecimento sozinha e com o outro, com a professora acolhendo a realidade em que o aluno encontra-se.



REVISTA NEUROCIÊNCIA E SUAS MÚLTIPLAS
LINGUAGENS

ISSN: 2675-3154 <https://doi.org/10.5281/zenodo.17192783>

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 1998.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2005.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Os sentidos da alfabetização: São Paulo/1876-1994. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 31, p. 125-126, 2006.